

Paul De Clerck

A inteligência da liturgia



SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

Fátima 2022

APRESENTAÇÃO

Quase 60 anos depois da promulgação da Constituição sobre a Liturgia, SC, (4 de dezembro de 1963) podemos legitimamente perguntar-nos se o seu propósito de “fomentar a vida cristã entre os fiéis... promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja... pelo incremento da Liturgia” fez estrada entre nós, e se todos as prescrições de reforma, já há tanto tempo em ato, alcançaram os seus objetivos.

Para ousar uma resposta “inteligente” há que situar a liturgia dentro de um tratado de ‘Teologia da liturgia’ mais do que ‘Teologia dos sacramentos’, mesmo se o âmbito geral é semelhante. Efetivamente, a liturgia é fundamentalmente uma ação, uma – *urgie*, enquanto que a teologia é uma – *logie*, um *logos*. Para P. De Clerck é claro que a teologia é uma disciplina da ciência litúrgica, afastando a tentação de reduzi-la à história da liturgia, esta propõe-se estudar sob uma multiplicidade de diversos aspetos a especificidade dos atos que chamamos litúrgicos. O apelo à história é imprescindível, mas também o estudo dos ritos, que conheceram grandes evoluções, e ainda o ‘património’ que foi criado para em cada momento celebrar a liturgia. A par desta abordagem é imprescindível o estudo antropológico da liturgia pois esta não se limita a textos ou palavras, ela é em si mesma fruto da ação de um grupo de pessoas, com a sua sociologia e a sua psicologia religiosa; e se tirará seguramente grande resultado do estudo dos lugares nos quais a ação litúrgica se desenrola, os gestos e as posições que são prescritas, do ‘ethos comportamental’ na qual a liturgia nos introduz. Assim, é a “ritologia”, e não o ‘ritualismo rubricista’ que aparece como a disciplina mais significativa, pois permite analisar o significado dos ritos na

sociedade em que vive o homem em cada tempo, as suas condições de realização e os seus efeitos específicos.

A teologia pode sim referir-se à liturgia como a um objeto de conhecimento. Ela pode, assim, considerá-la como uma *fonte* de compreensão, e estar atenta a dimensão teológica das celebrações, nos seus ritos como nos seus textos. Neste horizonte de inteligibilidade se situa o adágio *lex orandi, lex credendi*, segundo o qual a lei da oração determina a lei do crer ou acreditar. Deste modo se abre a abordagem mais recente, e menos comum: ela consiste em considerar as realizações litúrgicas como uma fonte, como um ‘lugar teológico’, mais do que considerar como expressões segundo as correntes da dogmática.

É com esta convicção que o nosso autor, ele mesmo o diz, acredita nesta disciplina, procurando com uma suficiente consciência das fontes que oferece a liturgia. Na sua “Inteligência da liturgia” o autor plasma a sua descoberta, estudo profundo e prática da liturgia. O nosso conhecimento do autor como nosso professor e diretor de tese de doutoramento, revela, também aqui, o seu método constante que inicia por questionar a legitimidade de qualquer propósito, como neste caso a de escrever um livro, quase à maneira do seu antecessor como diretor do ISL, o nosso amigo Padre Gy e os seus célebres “abrir parêntesis” constantemente sem fechar nenhum! Processo interpelativo constante a um ‘agir’ na ‘inteligência’ do interlocutor.

Nada de incompreensível na liturgia! Assim o afirma o Autor desde o início. Mas a liturgia não é primeiramente um objeto a compreender intelectualmente, como peça a desmontar, mas ela é sim “uma fonte que dá sentido”. Primeira atitude será a de deixá-la falar e ouvi-la “com simpatia”.

De que modo, tantas vezes com vontade desenfreada de fazer balanço, se faz a análise da reforma litúrgica? Há que inteligentemente ver o processo que não terminou, mas está ainda em ato. A liturgia é

dirigida ao homem de hoje mas não se pode esquecer que é também oração dirigida a Deus. A pressa em levantar a bandeira da “incompreensibilidade” faz ver lacunas que são fruto duma visão parcialista e demasiado ‘estreita’. Há que olhar para as dificuldades, mas num contexto mais vasto da vida do homem de hoje: quantos conflitos de toda a ordem, novas questões, o papel atual da religião no mundo, os ‘mitos’ modernos da técnica e da ciência...

Paul De Clerck na sua “Inteligência da liturgia” propõe um percurso de fundo onde a ‘compreensão da liturgia’ passa pela percepção do corpo e dos sentidos (dimensão antropológica) onde o ‘ato litúrgico’ manifesta a sua dimensão teológica, na realização propriamente eclesial da liturgia inserida numa cultura dada que quer celebrar o ‘hoje de Deus’ para os homens. Não esquecendo que a liturgia ‘atua’ num lugar próprio com exigências específicas para que seja possível a experiência de Deus para uma verdadeira vida espiritual. Cada um destes aspetos forma um capítulo do livro.

Parece-nos oportuno referir as palavras de Paul Valadier no seu livro “*A beleza dá sinal*” (Arte. Moral. Religião) quando afirma que o propósito da arte, sobretudo contemporânea, não é a de produzir um quadro das coisas feitas ou da estupidez que encontramos em obras bem longe de qualquer lugar de inspiração ou de criatividade. Querer quebrar tabus com pinceladas de novidade sem consideração de regras ou da história é criar novos tabus que não se ousa meter em causa sob pena de ofender a liberdade de expressão dos artistas. A criatividade não se impõe a todos e nem todos a podem perceber imediatamente. O tempo seleciona, exclui ou consagra!

Esta “Inteligência da liturgia”, publicada originalmente em 1995, e agora em português, vem colmatar uma lacuna importante para uma ‘abordagem ética da liturgia’ em momentos de dispersão. O trabalho de dez anos na Congregação do Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, permitiram-nos ver como facilmente se desenterram ‘cadá-

veres' históricos (livros, ritos, festas...) sem uma "inteligência" crítica da liturgia para que uma verdadeira "hermenêutica da continuidade", exatamente entendida como a propõe Joseph Ratzinger, leve por diante a reforma indicada pelo Concílio Vaticano II.

Pe. José Ribeiro Gomes (Advento, 2021)

INTRODUÇÃO

O título deste livro talvez se afigure pretensioso. Felizmente, tem antecedentes que atenuam a presunção¹. Que é que há, na liturgia, para compreender? Terá verdadeiramente sentido essa sucessão de palavras e de gestos, incessantemente repetidos? Poderá pretender-se que ela é “inteligente”? À vista de certas assembleias, pode efetivamente duvidar-se.

E, no entanto, ao estudar a liturgia, a sua inteligência, a sua sabedoria e o interesse das suas proposições aparecem-me de uma forma cada vez mais viva. Vejamos, desde já, dois exemplos, que permitirão entender-nos.

Começemos, como convém, pelo mais simples: o desenrolar da missa e a sua arquitetura. Após a abertura, a primeira grande parte chama-se *Liturgia da Palavra*; consiste na escuta da Palavra que Deus dirige ao seu povo. Há que começar por algum lado, dir-me-eis. Mas o modo de começar é extremamente significativo: pomo-nos à escuta, presta-se atenção ao Outro; a primeira palavra da missa já nos tinha proposto o encontro de Cristo, ao dizer-nos: “O Senhor esteja convosco!”

O plano da missa revela-nos assim a própria estrutura da fé, que é iniciativa de Deus antes de ser movimento da nossa parte. *Fides ex auditu*, dizia S. Paulo (Rm 10,17): “A fé vem daquilo que se ouve”; começa pela descoberta de Outro, pela escuta de Alguém que nos dirige a palavra. A alteridade é apresentada logo de início; estrutura a nossa exis-

¹ O tomo XIII dos “Cursos e conferências das Semanas litúrgicas. Lovaina, 1935” tem como título *L'Intelligence de la prière liturgique* (Lovaina, Abbaye du Mont-César, 1937). Mais tarde, D. B. CAPELLE escreveu um livro intitulado *Pour une meilleure intelligence de la messe* (mesmo editor, 1946; 2ª ed. 1955). D. Th. MAERTENS publicou também vários artigos com o título “Para uma melhor inteligência do cânone da missa”, que apareceram na revista *Paroisse et liturgie* em 1959 e 1960.

tência crente. Aclara-se assim também a razão da nossa presença: somos convidados por Deus para o banquete das núpcias do seu Filho. Como se vê, os dados mais fundamentais da fé estão inscritos no modo como a liturgia se celebra. Como orar, a não ser da maneira como a liturgia nos ensina a fazê-lo, começando por nos situar na presença de Deus e por escutá-Lo?

Outro exemplo, desta vez a propósito do batismo, mais precisamente da iniciação cristã. Na nossa sociedade secularizada e pluricultural, é assaz frequente que, já adultas, muitas pessoas se interessem subitamente pelo Evangelho, por Cristo, pelo modo de viver dos cristãos, e peçam o batismo. Compreende-se que este não seja celebrado logo no dia a seguir; de facto, a Igreja propõe então um tempo de catecumenado. Mas quando é que a iniciação está terminada? Alguma vez se entrou suficientemente no mistério? Também aqui a liturgia oferece uma resposta. Prevê que a iniciação termine na Vigília Pascal com a celebração dos três sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia. Os dois primeiros não podem ser repetidos, mas o terceiro repete-se; ou seja, a iniciação termina... numa realidade que jamais acaba. Findou o catecumenado; mas foram lançados, de uma vez por todas, os fundamentos para obviar às inquietações teológicas ou aos escrúpulos de consciência. Além disso, ele conflui na Eucaristia, à qual se é convidado em cada domingo. Assim, o modo como a liturgia propõe a iniciação cristã mostra que se é solicitado a aprofundar, sem cessar, o que se começou a entrever, para o retomar e dele viver nas mais diversas circunstâncias da existência. Não é este um modelo subtilmente estruturado?

O fito deste livro é, pois, levar a partilhar uma convicção. A liturgia é mais inteligente do que habitualmente se pensa; encerra mais riquezas do que, amiúde, nos é dado ver, ouvir e viver. Diferentemente do que muita gente possa pensar, os elementos que compõem a liturgia

não se apresentam como as peças de um quebra-cabeças que um génio maligno teria deitado ao ar, que teriam recaído no chão em desordem, e que se poderiam juntar sem qualquer preocupação com o seu arranjo e a sua disposição. Na realidade, se virmos de mais perto, as estruturas da liturgia, tal como os seus elementos, sejam eles textos ou ritos, brindam um sentido.

Esta convicção supõe uma outra. Trinta anos após as decisões conciliares de reforma, só agora se começa a descobrir o que poderá ser a ação litúrgica de um povo que nela participa com interesse. Importa lembrar que, desde há mais de um milénio, os textos da liturgia celebrada em latim se tinham tornado incompreensíveis; foi esse um dos elementos que criaram o fosso entre liturgia, por um lado, piedade e devoções, por outro, um fosso paralelo ao que separou, durante tanto tempo, teologia e espiritualidade. De facto, os cristãos participavam bem na liturgia, mas à sua maneira, “rezando”, como se diz; há que reconhecer que a liturgia, muitas vezes, se tinha tornado como que uma ocasião de oração pessoal. Mas esta oração não era a da própria liturgia.

O objetivo deste livro é, pois, desenvolver a inteligência da liturgia, no duplo sentido do termo. Quer levar a penetrar na sua inteligência, ou seja, fazê-la compreender por aqueles que por ela se interessam. Mas pretende igualmente mostrar que a liturgia, quando é olhada com simpatia, é deveras inteligente. Pretende, por isso mesmo, contribuir para uma reapropriação da liturgia por aqueles que vêm celebrá-la².

Mas, decerto, será necessário entendermo-nos ainda sobre as duas palavras que compõem o título.

² Renunciei a escrever sistematicamente “aquelas e aqueles”, sempre que me refiro a mulheres e a homens. A fórmula, com o tempo, torna-se um estribilho pesado e pouco elegante. Atravesso-me a esperar que as leitoras deste livro não duvidarão de que, para mim, as mulheres são parte integrante da humanidade, embora a língua francesa lhes não conceda o lugar pleno que elas merecem.

Índice

Apresentação	7
Introdução	11
A inteligência.....	14
A liturgia	15
Compreender a liturgia (cristã).....	17

CAPÍTULO I

UMA LITURGIA INCOMPREENSÍVEL?

Que participação?	22
Dificuldades da linguagem litúrgica	24
Que compreensão?	26
Perspetivas	30
Flexibilidade.....	30
Duração suficiente.....	31
Para um diagnóstico	32

CAPÍTULO II

UMA PERCEÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS

“ <i>Mens concordet voci</i> ”	37
Prioridade da experiência.....	39
Superar a rotina	46
A liturgia e o corpo	48
Enraizamento cósmico	49
Uma ação corporal	50
Uma liturgia dos sentidos	56

A INTELIGÊNCIA DA LITURGIA

A visão	57
O ouvido.....	59
<i>Proclamação da Palavra</i>	60
O tato.....	62
O gosto.....	63
O olfato	63

CAPÍTULO III

O ATO LITÚRGICO E A SUA DIMENSÃO TEOLÓGICA

A origem do adágio: “ <i>lex orandi, lex credendi</i> ”	66
Dimensão teológica da liturgia	68
A igreja na sua diversidade.....	71
O Batismo	73
O batismo na Páscoa	73
A profissão de fé batismal.....	75
A Eucaristia	77
Os Ministérios.....	79
Ordenações episcopais.....	80
Teologia das orações de ordenação	81
Relações teologia-liturgia	84

CAPÍTULO IV

O CARÁTER ECLESIAL DA LITURGIA

Estrutura das orações romanas.....	91
A oração universal	94
As ordenações	97
O diálogo do prefácio	97

ÍNDICE

<i>O Senhor esteja convosco</i>	98
– E com o vosso espírito [Ele está no meio de nós]	98
<i>Elevemos o nosso coração [Corações ao alto]</i>	105
– Já os temos para o Senhor [O nosso coração está em Deus].....	105
<i>Demos graças ao Senhor, nosso Deus</i>	106
A comunidade, assembleia e Igreja	106

CAPÍTULO V

UMA MANEIRA DE COMPREENDER A VIDA

Prioridade à vida	113
Uma Luz para o caminho	115
Liturgia e oração pessoal	118
O Domingo	120
A liturgia em ação	121
A profissão de fé batismal.....	121
A confirmação pelo bispo	124
Ousar perdoar	125
Doentes, na comunidade.....	126
Conclusão.....	127

CAPÍTULO VI

LITURGIA E CULTURA

A liturgia, criadora de cultura	129
Numa tradição viva	132
A obra da liturgia	135
A apropriação	136
O trabalho das palavras.....	140
Os recursos da assembleia	141
A aprendizagem cultural	141

CAPÍTULO VII

CELEBRAR

O HOJE DE DEUS

O ano litúrgico	146
Tempos e momentos	148
Um ciclo infernal?	149
A representação	151
O hoje de Deus.....	152
“Hoje celebramos Jesus Cristo”	152
Memorial.....	156
Abertura	157
As festas dos santos	159
Da gratuidade	162

CAPÍTULO VIII

LUGARES PARA

UMA ASSEMBLEIA CELEBRANTE

A Igreja: a assembleia dos cristãos e o lugar da sua reunião	166
Organização do espaço.....	167
O santuário e os seus lugares específicos	169
Desejos.....	171
A técnica	173
“De frente para o povo” ou diante de Deus?	174
Transcendência e imanência	176
O arranjo das igrejas.....	177
Os lugares do batismo	178
Edifícios demasiado pequenos ou demasiado grandes.....	179

CAPÍTULO IX
COMO FAZER A EXPERIÊNCIA DA LITURGIA?

Liturgia e vida espiritual

O diálogo do prefácio	182
O prefácio	186
<i>Santo, santo, santo é o Senhor</i>	187
<i>Vós, Senhor, sois verdadeiramente santo</i>	189
<i>Na hora em que Ele se entregava...</i>	189
<i>Fazei isto em memória de mim – Celebrando agora o memorial...</i>	191
<i>Humildemente Vos suplicamos...</i>	192
<i>Lembraí-Vos, Senhor...</i>	192
<i>Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre</i>	193
Conclusão	193

CAPÍTULO X
**AÇÕES LITÚRGICAS,
 AÇÕES DO ESPÍRITO**

A Iniciação Cristã	198
As ordenações	
para os ministérios da Igreja	201
A obra do Espírito Santo na Eucaristia	204
Oriente e Ocidente	205
As duas epicleses	207
Porquê tão pouca importância dada ao Espírito Santo?	210
O Espírito de reconciliação	211
O Espírito de consolação	214
O Espírito de aliança	214
Conclusão	216

À GUISA DE CONCLUSÃO

MENSAGEM

A GERAÇÕES SUCESSIVAS

À minha geração	220
Às gerações mais jovens	223
Despedida	224

CONCLUSÃO

DA SEGUNDA EDIÇÃO

Sair da cristandade	227
A vida litúrgica, neste contexto	229

ESCOLHA DE TEXTOS

Documentos oficiais	231
Instrumentos de trabalho	232
Teologia dos sacramentos e da liturgia.....	233
Revistas.....	234